

APERFEIÇOAMENTO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA - 3 EM		
Aluno:	Grupo:	
SÉRIE: 3º Ano	BIMESTRE: 1º	CICLO: 2º
TUTOR(A):		
Tarefa: Roteiro de Atividades Original (versão preliminar)		

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo; O Quinze; concordância nominal; manifesto.

Texto Gerador

O título do livro evoca a terrível seca do Ceará de 1915. O trecho a seguir mostra um dos momentos da travessia que a família de Chico Bento realiza através do sertão castigado pela seca. A autora exprime intensa preocupação social, apoiada, contudo, na análise psicológica das personagens, especialmente o homem nordestino, sob pressão de forças atávicas que o impelem à aceitação fatalista do destino.

O Quinze

[...] Eram duas horas da tarde.

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

- Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca.

Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento.

Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas...

Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

Às vezes, o menino parava, curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuacu que parecia ter passado perto deles, Mas o silêncio fino do ar era o mesmo. E a morna correnteza que ventava passava silenciosa como um sopro de morte; na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas eram como arestas de pedra, enristadas contra o céu.

Mais longe, numa volta da estrada, a telha encarnada de uma casa brilhava ao sol. Lentamente, Chico Bento moveu os passos trôpegos na sua direção. De repente, um *bé!*, agudo e longo, estridulou na calma.

E uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla de galhos secos do caminho, aguçando os rudimentos de orelha, evidentemente procurando ouvir, naquela distensão de sentidos, uma longínqua resposta a seu apelo.

Chico Bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afogueados.

O animal soltou novamente o seu clamor aflito. Cauteloso, o vaqueiro avançou um passo.

E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra.

Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela. Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas.

Rapidamente iniciou a esfolação. A faca afiada corria entre a carne e o couro, e, na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava ali a pele, deixando-a quase transparente.

Mas Chico Bento cortava, cortava sempre, com um movimento febril de mãos, enquanto o Pedro, comovido e ansioso, ia segurando o couro descarnado.

Afinal, toda a pele destacada, estirou-se no chão.

E o vaqueiro, batendo com o cacete no cabo da faca, abriu ao meio a criação morta.

Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:

- Olha, pai!

Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas.

Agitava os braços em fúria, aos berros:

- Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!

Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.

O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro.

Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra.

Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

- Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.

O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.

Pedro, sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

Chico Bento ainda esteve uns momentos na mesma postura, ajoelhado.

E antes de se erguer, chupou os dedos sujos de sangue, que lhe deixaram na boca um gosto amargo de vida. [...]

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. P.46-49. (Fragmento)

Atividades de Leitura

1. Uma das vertentes predominantes na segunda fase modernista é o romance de temática social.

Como podemos perceber essas características no trecho estudado?

Habilidade trabalhada: Caracterizar a segunda fase do Modernismo brasileiro.

Resposta Comentada: É interessante que o aluno perceba aqui que a temática abordada é da seca e o seu impacto na vida das pessoas em geral, ou seja, a seca aqui não atinge só o pobre. Percebe-se que esta família que foge da seca no Ceará um dia foi abastada (“Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento. / Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas... / Depois sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar; a vista turbou-se como as ideias; confundiu as duas imagens, a real e a evocada, e seus olhos visionaram uma Cordulina fantástica, magra como a morte, coberta de grandes panos brancos, pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.”), eles já tiveram uma vida saudável e foram levados àquelas circunstâncias devido às questões climáticas e geográficas. A família é o retrato da fome, da desnutrição, da miséria e, agora, está se confrontando com a natureza e, até mesmo, com outros homens para tentar ter o que comer e alimentar os filhos.

2. Outra característica desta fase modernista é o romance psicológico, ou seja, o predomínio da análise dos conflitos íntimos das personagens gerados pela tensão existente entre os indivíduos e o contexto social e familiar. Onde podemos perceber mais intensamente o abatimento moral, o impulso passional de Chico Bento?

Habilidade trabalhada: Caracterizar a segunda fase do Modernismo brasileiro.

Resposta Comentada: “Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo”. Neste trecho podemos perceber o drama psicológico que Chico Bento está passando: a seca do nordeste e a fome como consequência. Ele não tinha mais forças físicas ou moral. No primeiro momento ele foi disposto a enfrentar o homem, porém, não consegue, faltou-lhe “ânimo”. Por um minuto ele é desumanizado. Podemos perceber aqui o conflito que o personagem Chico Bento vive.

3. Na segunda fase modernista, percebe-se uma maior preocupação na consolidação dos ideais defendidos na primeira fase, principalmente, no que diz respeito à criação de uma arte que evidenciasse aspectos naturais e culturais do Brasil, abordasse temas do cotidiano e apresentasse

personagens de camadas mais populares. Em relação à linguagem, os artistas da segunda fase já não combatiam o uso da variedade padrão da língua. Como você percebe a linguagem de Rachel de Queiroz neste romance?

Habilidade trabalhada: Identificar o caráter de transgressão/manutenção presente na literatura modernista.

Resposta Comentada: Percebe-se a simplicidade da linguagem, não há exibicionismo da autora no uso de palavreado erudito. Sua linguagem é natural, direta, coloquial, simples, sóbria, condicionada ao assunto e à região, própria da linguagem moderna brasileira.

TRECHO REMOVIDO

1. “Eram duas horas da tarde”. Explique a concordância do verbo *ser*.

Habilidade trabalhada: Identificar e promover relações de concordância verbal entre as unidades do discurso.

Resposta Comentada: É importante o aluno saber que a concordância com o verbo *ser* precisa de um pouco mais de atenção. Quando se trata da indicação de horas, datas e distâncias, o verbo *ser* concorda sempre com o numeral a que eles se refere. Neste caso *Eram* concorda com o numeral *duas*.

2. Observe:

(...) **confundiu** as duas imagens, a real e a evocada” (...)

Neste caso, seria possível outra concordância do verbo? Explique.

Habilidade trabalhada: Identificar e promover relações de concordância verbal entre as unidades do discurso.

Resposta Comentada: Aqui creio que o aluno poderia acreditar, à primeira vista, que “**confundiram** as duas imagens...” seria possível. Porém, ele deve retornar ao texto e identificar que o sujeito da frase que fora citado anteriormente é “**sua pobre cabeça dolorida**”, logo um sujeito simples com o qual o verbo concorda.

Atividades de Produção Textual

1. O Manifesto é a expressão do pensamento de uma pessoa ou grupo de pessoas sobre um determinado assunto com o objetivo de declarar, divulgar e persuadir o leitor da sua ideia, ou seja, é um texto de natureza dissertativa. A linguagem do manifesto varia de acordo com o estilo dos manifestantes e seu ambiente de divulgação, quer dizer, sua estrutura é livre, mas com alguns elementos indispensáveis: título, identificação e análise do problema, argumentos que fundamentam

o ponto de vista do(s) autor(es) do manifesto, local, data, assinaturas dos autores e simpatizantes da causa. O Manifesto foi o gênero textual que marcou a primeira fase do Modernismo e foi retomado na segunda fase ampliando e aprofundando os objetivos da primeira geração. A característica principal da segunda geração modernista é a de denunciar o abandono do sertão nordestino. Levando isso em consideração e a leitura do trecho do romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, em que é tratado a fuga de uma família de Chico Bento após a grande seca no Ceará, em 1915, produza um manifesto em que defenda a luta dos retirantes nordestinos que vivem, há anos, fugindo das adversidades causadas pela seca e vêm para os grandes centros urbanos para tentar melhorar de vida.

Habilidade trabalhada: Produzir manifestos e panfletos que discutam aspectos políticos e sociais abordados nos textos literários estudados, considerando a importância do tópico frasal para a proposição de argumentos e premissas.

Resposta Comentada: Estimular os alunos a refletir sobre a grande migração nordestina para os grandes centros urbanos, em busca de melhores condições de vida e, quando chegam a realidade nem sempre é aquela que eles imaginavam. É necessário que eles busquem argumentos sólidos e consistentes que justifiquem o seu ponto de vista e o faça dentro da estrutura do gênero *manifesto*.

REFERÊNCIAS

SARMENTO, Leila Lauar e TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de texto*. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2010.

FARACO, MOURA, MARUXO JR. *Linguagem e Interação*. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2011.

CEREJA, W.R. e MAGALHÃES, T.C. *Português: linguagens: literatura, produção de texto e gramática*. vol. III. 3.ed. São Paulo: Atual, 1999.

<http://www.leituracritica.com.br/apoioprof/aprecia/015quinzerqueiroz.asp>

Roteiro de Atividades – Curso de Formação Continuada

Orientações Pedagógicas – Cursos de Formação Continuada

TRECHO REMOVIDO